

Seja como for: entrevistas, retratos e documentos

ROBERTO SCHWARZ

São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2019. 448p.

Daniela Vieira*

Seja como for apresenta uma compilação de escritos diversos (entrevistas, homenagens, cartas e documentos) da produção de Roberto Schwarz realizada no período entre 1964 e 2019. O livro é composto por 39 textos, dos quais dois são inéditos: “Bastidores”, documento que funciona como uma espécie de prólogo à obra, e a carta “Peripécias de um doutoramento”, último texto da segunda parte da coletânea. A primeira seção contém 21 entrevistas e um debate publicado na revista *Novos Estudos Cebrap*. Já a segunda parte totaliza quatro homenagens, onze textos e a referida carta inédita.

A obra, organizada no contexto enfiado e politicamente nebuloso da história brasileira, reúne a experiência do autor no “fim de século”, na atual atmosfera de perseguição ideológica ao chamado “marxismo cultural”, em que o projeto da extrema direita se ajeita no Palácio da Alvorada e fora dele. Na contramão desse momento de ignorância, Schwarz reafirma o lugar da crítica dialética hoje numa espécie de enfrentamento intelectual – e, igualmente, político – diante do miúdo cenário contemporâneo da tradição marxista de exame da cultura.

Embora reconhecido pelos ensaios bem amparados na boa e quase saudosa análise dialética materialista, na coletânea são os documentos inéditos, em conjunto com as entrevistas, que amarram o tom de crítica da forma do livro ao

* Professora de Sociologia na Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: daniela.vieira@uel.br

tempo presente e, ainda, revelam algo surpreendente: o seu lado *narrador*. Se, nos estudos sobre Machado de Assis, Roberto Schwarz ressalta a singularidade do tom transgressor e arbitrário do narrador machadiano, em *Seja como for* ele é *o crítico como narrador*.

O texto de abertura, “Bastidores”, prepara o leitor para o que segue. Redigido em 1972, provém de um relatório encontrado no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) sobre o ensaio “Cultura e Política, 1964-1969”. Frases do relatório alinhavam as semelhanças com as galhofas que temos lido e ouvido de uns tempos para cá: por exemplo, 1) “a leitura do texto [...] revela a existência de uma situação, de fato inexistente no Brasil” ou 2) “é a aberta exposição, que parece cínica [...] dos diversos planos desenvolvidos pela esquerda e seus subgrupos, no intento de desmoralizar instituições vigentes, valores tradicionais da sociedade [...]”. Sobretudo, esses trechos perfazem as continuidades, “o vai e vem” entre o passado e o presente no que se refere ao tratamento ideológico da direita às políticas culturais e produções intelectuais da esquerda brasileira. Ao iniciar o livro com a exposição de um documento redigido nos porões da ditadura, vemos o quanto aquelas concepções e valores hoje saem dos “Bastidores” e sobem ao palco da política nacional.

A primeira parte formaliza o *crítico como narrador*, pois, como dito, Schwarz nos apresenta as entrevistas concedidas ao longo de sua trajetória. Não se trata propriamente dos ensaios, mas do próprio autor narrando e rememorando a sua trajetória intelectual e os seus achados de pesquisa. Os debates de fôlego com colegas podem servir de modelo a uma geração mais nova, para quem a crítica se perde ou vira sinônimo de rasteiro “cancelamento” virtual. É o caso de “Machado de Assis: um debate”, publicado originalmente em 1991 na *Novos Estudos Cebrap*. Esse texto demonstra a importância das relações sociais constitutivas do narrador machadiano, a estruturação da forma e do objeto, além da relação entre o centro e a periferia do capitalismo (matéria essencial do modelo do autor para a compreensão das especificidades do Brasil). Não obstante a experiência parisiense para a formação de Schwarz, ele afirma a intensidade com o “tempo da Maria Antônia”, ou seja, com uma “vontade coletiva, que esteve na ordem do dia nos anos 1960, de pensar o Brasil de forma crítica e dialética, e puxando o nível para cima”. Porém, à medida que o país vai se inserindo na ordem do capitalismo global nos anos 1990, as suas memórias demonstram a desagregação dessa vontade comum e, igualmente, a virada ideológica e política de alguns dos participantes do grupo d’*O capital* que antes estavam à esquerda.

Por exemplo, na entrevista “Do lado da viravolta”, publicada em 1994 em *Teoria e Debate*, concedida a Maria Rita Kehl e Fernando Haddad, o tom da conversa expressa não mais a “vontade coletiva” juvenil daquele grupo de intelectuais que fora estudar Marx para entender o país, mas a mudança de posição de alguns deles, particularmente, a de Fernando Henrique Cardoso, o qual assumiria a presidência do Brasil em 1995. Boa parte da entrevista explicita as cesuras entre um projeto intelectual de esquerda, que tenta manter a “tradição socialista”, em

contraposição ao projeto neoliberal que estava se assentando, a todo vapor, por aqui. Para Schwarz, “as pessoas de tradição socialista têm de buscar a saída do lado da viravolta social, do confronto com a injustiça de classe, na crítica à lógica do dinheiro e da propriedade privada, na oposição ao funcionamento indecente da mídia etc.”. A entrevista desvela a “marcha à ré intelectual” da crítica de arte marxista e, ao mesmo tempo, a primazia da “teoria crítica do capital” para fazer frente ao prejuízo desse declínio a um só tempo de ordem teórica e política. Pois, conforme declara o autor, “a crítica da mercantilização e de sua lógica é uma coisa crucial, eu acho que é. Não consigo imaginar que ela não seja retomada”.

Mas o esgarçamento político e ideológico da “vontade coletiva” do passado, por assim dizer, seguiu-se na atualidade e ganhou força com o *parti pris* nas eleições de 2017. Em “Declaração de Voto”, entrevista concedida a Claudio Leal para o site da revista *Bravo!* em 2018, Schwarz é decisivo em afirmar: “pensando em amigos da vida inteira, eu diria que neste momento a neutralidade entre Haddad e Bolsonaro é um erro histórico de grandes proporções”. Outra entrevista realizada por Cláudio Leal, “Cultura e Política agora”, publicada no caderno “Ilustríssima” em 2019, sumariza esse aspecto do “vai e vem” da história ao colocar em paralelo o golpe de 1964 e a vitória de Bolsonaro: “nos dois casos, um programa francamente pró-capital mobilizou, para viabilizar-se, o fundo regressivo da sociedade brasileira, descontente com os rumos liberais da civilização. Ao dar protagonismo político, a título de compensação, aos sentimentos antimodernos de parte da população, os mentores do capital fizeram um cálculo cínico e arriscado, que não é novo”.

Essa entrevista finaliza a primeira parte de *Seja como for* e, em seguida, o livro abre espaço aos *retratos*. O último texto da segunda seção, quase um conto autobiográfico em forma epistolar endereçado a Antonio Candido, “Peripécias de um doutoramento”, narra não apenas o autorretrato tragicômico do *crítico narrador* em vias de se doutorar em Paris, mas a violência da hierarquia acadêmica francesa – em especial a desorientação das instituições em reconhecer um trabalho fundamentado na crítica materialista e com matéria brasileira.

Se o documento que abre o livro expressa o disparate da censura local com o ensaio “Cultura e Política”, a carta-conto que o fecha também condensa o exercício da autoridade, porém estrangeira e acadêmica. Cada qual a seu modo, ambos documentam a faceta cínica e conservadora se revelando e atuando contra o pensamento crítico que não se deixou emoldurar.

Por fim, dentre os muitos prismas de leitura que a crítica dialética oferece, *Seja como for* pode ser lido como materialização de uma experiência intelectual que é política e, portanto, crítica ao Brasil pós-2018. Podem-se depreender consequências desse “vai e vem” entre passado e presente também pelas imagens da capa do livro. Como diz Schwarz, “sem um banho de materialismo, não há como chegar a uma análise formal que vá além do lugar-comum”. Esta obra nos traz memórias desse banho: em maus tempos, ela chega em boa hora iluminando um movimento em que a autorreflexão do *crítico narrador* se constitui como combate e inspiração contra as rasuras do pensamento intelectual materialista.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A parábola de Kubrick
Luiz Martins

A revolução de Vertov
François Albera

O legado de Losurdo
João Quartim de Moraes

PT: bases e governos
Ricardo Musse

**DOSSIÊ “Marxismos, feminismos, *queer*
e sexualidades” (Parte I)**

Bárbara Castro, Maira Abreu, Gianfranco Rebutini,
Jules Falquet e Sophie Noyé

48